

**IMPRENSA
ANTÔNIO MORENO**

O CINEMA ALTERNATIVO CARIOCA



ANTÔNIO MORENO

IMPRENSA

. "Reflexões ou Divagações Sobre um Ponto Duvidoso", FilmeCultura nº27, abril 75

Dir/Arg/Rot/Texto/Tit: Antonio Moreno. Foto (Eastmancolor): Ronaldo Foster (ao vivo), Akira Murayama (truca). Mont: Raymundo Higinio. Mus: Pink Floyd, Procol Harum, Iannis Xenakis, Emerson Lake & Palmer. Narrador: Pedro Ernesto Stilpen (Stil). Ef. Esp: Gerald José de Almeida B: Lincoln Albuquerque, Antônio Moreno. Prod: Sincro Filmes, Cinemat, Antonio Moreno. TP: 8 min. Sit: 35 e 16 mm.

Sinopse - Desenho animado (com partes ao vivo) que mostra o processo de conhecer de um rapaz que tenta escrever um conto desenhando. Conta a história de um ponto mutante que parte em busca de novas formas até transformar-se num homenzinho, que descobrir o sol, vê nele seu primeiro mito. De repente, em suas metamorfoses volta a ser ponto, sendo apagado e substituído por uma vírgula. O jovem desiste do conto e joga fora o que escreveu. Mesmo assim o processo de metamorfose continua na folha amassada jogada fora.

Observações - O filme é dedicado a Norman McLaren. Exibido no Cinema-I, Fundação Getúlio Vargas e. Universidade Fluminense. Locações da parte ao vivo: Quinta da Boa Vista; a parte animada foi realizada em seis meses. Antonio Moreno, ver *A Raposa e o Passarinho*, GF 39, pág. 91.

. "As cores do meu imaginário me alertavam sempre que no caminho tinha uma pedra", Cláudia Moretz-Sohn, CineImaginário nº 5, abril de 1986

“Apesar das dificuldades de se fazer cinema de animação no Brasil, há quem batalhe por isso. É o caso do cearense, Antônio Moreno, que de bancário a cineasta, sofreu inúmeros reveses. (...) O cinema atraiu Moreno na pequena Quixadá, no Ceará, onde morava com os avós maternos. (...) Por volta de 1958, Moreno viu de perto as filmagens de A morte comanda o cangaço de Carlos Coimbra, primeiro filme estrangeiro a concorrer ao Oscar. (...) Ansioso para ver todos os filmes nacionais, Moreno chegou ao Rio de Janeiro em 1964. Aos 15 anos, assistiu a “O Desafio”, de Paulo César Saraceni. ‘Fiquei impressionado com a solidão do Vianinha, a câmara solta no Parque Lage, passeando por entre as ruínas... Tive a mesma sensação em “Terra em Transe” do Glauber, quando o Paulo Martins fica no deserto com aquela metralhadora’. Nessa época, Moreno começou a fazer parte do grupo Fotograma, ao lado de Stil. O grupo antes de ser dissolvido em 69 ‘pelo governo e pela polícia’ fez um filme chamado “A morte da memória nacional”, em que Moreno trabalhava como ator. Em 1972, após ter trabalhado como assistente de direção (“Ibrahim no subúrbio” de Cécil Thiré, e “Ainda agarro essa vizinha”, de Pedro Rovai) e de montagem (“A Estrela sobe” de Bruno Barreto), Moreno Realiza seu primeiro filme, “A raposa e o passarinho”. (...) De 76 a 79, realiza “As Aventuras de Coco Banana”, desenhado diretamente em papel quadriculado, como se o filme se passasse entre grades. Apesar de bastante exibido o filme quase levou Moreno à falência. O co-produtor, Hugo Sorrentino, da Art-Films, ficou com todo o dinheiro e jamais apresentou sequer um relatório a Antônio Moreno. Em 80, veio “Vão-se os pais, ficam os filhos”, cujos negativos foram vendidos para Lívio Bruni, que os perdeu. Em 1982, Antônio Moreno foi para a Iugoslávia, onde estagiou na Zagreb Film. (...) Ainda na Iugoslávia, Moreno começou a desenhar “O Rio”, sob a supervisão de Boris Kolar da Zagreb. Quando voltou para o Brasil, trouxe o material e o apresentou a Carlos Augusto Calil, da Embrafilme. ‘O Calil disse que ia me ajudar dentro de um mês, mas

não fez nada. Isso em 82`. (...) EM 84, 'meio desendinheirado' Moreno começou a fazer "Eclipse", menção honrosa em Gramado-85. O filme tem animação direta na película e é narrado por Sérgio Santeiro, Ângela José e pelo próprio Moreno. Os textos são de Glauber Rocha, Drummond, Machado de Assis, Lima Barreto e outros. A parte masculina do filme é narrado por Moreno, a parte feminina por Ângela, e os textos de Glauber por Santeiro. 'O Glauber entra como intelectual louco, que vai além do homem e da mulher. Nos textos em que Glauber falava do Cinema Novo, tirei algumas linhas e obtive outro discurso'. Seu trabalho mais recente é "Planeta Terra", filme de animação feito para o Ano Internacional da Paz da ONU, em colaboração com dezenas de animadores brasileiros. 'Dessa vez o Calil me falou que a minha sequência no filme tinha sido muito bonita. Até o Fantástico me entrevistou e passou o meu filme'. (...) Ele também terminou, com José Louzeiro, o roteiro de um longa, "Dois Caim", uma história de 'lazer e prazer de uma classe operária, e de como está a sua educação emocional e sexual'. (...) Moreno se queixa de algumas dificuldades: 'eu gostaria de saber porque não se exhibe nenhum filme meu nas mostras de cinema de animação da Embrafilme. Até nas mostras do Paço Imperial não passam filmes meus. Também dei cursos no Museu de Arte Moderno por conta própria porque a Embrafilme não apoiou. Para a finalização do "Eclipse", recorri à Embra, desesperado, e ela me mandou uma carta dizendo que não dava.'"

. "Um novo livro quase na praça", Cláudia Moretz-Sohn, CineImaginário nº 5, abril de 1986

"Com o objetivo de 'preencher a ausência de um livro que contasse toda a história do Cinema Brasileiro', Antônio Moreno trabalhou durante trinta meses no seu segundo livro, ainda não publicado. (...) "História de Cinema Brasileiro (1896-1985)" e suas reações com o

poder divide-se em duas partes. A primeira é uma panorama geral do Cinema Brasileiro (...). A segunda parte é uma coletânea de depoimentos de Vladimir Carvalho, Alex Viany, Paulo César Sarraceni, Luiz Paulino dos Santos, Orlando Senna e Eduardo Coutinho. Moreno baseou-se no livro de Paulo Emílio e Adhemar Gonzaga, 70 Anos de Cinema Brasileiro. Acrescentou a ele informações e fotos, ampliou a quinta época (1949-1970) e criou uma sexta, se 1970 a 1985. História tem mais de duzentas fotos abrangendo toda a trajetória do cinema no Brasil. (...) Informações valiosas estão nos depoimentos de Luiz Paulino e Alex Viany. Paulino fala da delicada situação de ter sido sempre marginalizado e descartado da direção de Barravento, entregue a Glauber Rocha. Moreno teve dificuldades em concluir o livro, por não haver, atualmente, nenhuma corrente que defina o cinema nacional. (...) Afirma que ´estamos iniciando uma época de reivindicações, domínio sobre a arte cinematográfica e vôos mais livres` para o Cinema Brasileiro.”

. Seção Economia, Drops, Claudia Moretz-Sohn, CineImaginário nº 17, abril 1987

. Antonio Moreno pediu financiamento à Embrafilme para o seu curtametragem *O olho amarelo do tigre*. Para isso, ele entrou no processo de seleção que a empresa realiza a cada três meses para projetos de produção e finalização. Moreno já gastou cerca de Cz\$ 200 mil com o filme e pediu CZ\$ 43 mil à Embra.

. Coluna “Papo animado” de Antônio Moreno: “Retomando a conversa”, CineImaginário, nº 40, março 1989.

. Coluna “Papo animado” de Antônio Moreno: “Lanterna Mágica” CineImaginário, nº 41, ABR 89.

. Coluna "Papo animado" de Antônio Moreno: "Balanço da animação em 89", CineImaginário, nº 49, DEZ 89.

. Coluna "Papo animado" de Antônio Moreno: "O cinema de animação e os quadrinhos", CineImaginário, nº 50, JAN 90.

. Coluna "Papo animado" de Antônio Moreno:: "E o acordo BrasilCanadá, como fica?", CI, nº 51, MAR 90.

A situação do cinema de animação após o fim da Fundação do Cinema Brasileiro, especificamente com a indefinição quanto ao destino do acordo Brasil-Canadá. Cita Still: "O animador Still, trabalhando atualmente para a Rede Globo, realizando animações para o Programa do Faustão, e em breve, para o Babilônia, não se abalou com as novas medidas do Governo extinguindo a Fundação do Cinema Brasileiro, afirmando que na realidade, para o setor de curtametragem de animação, o órgão nunca funcionou." Moreno destaca o quadro de individualização dos animadores, ou para projetos próprios ou para a área comercial e defende uma política de produção mais abrangente.